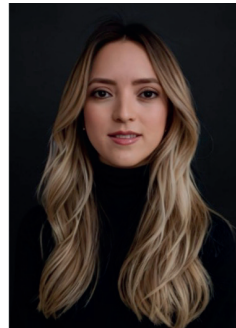


Capítulo 15

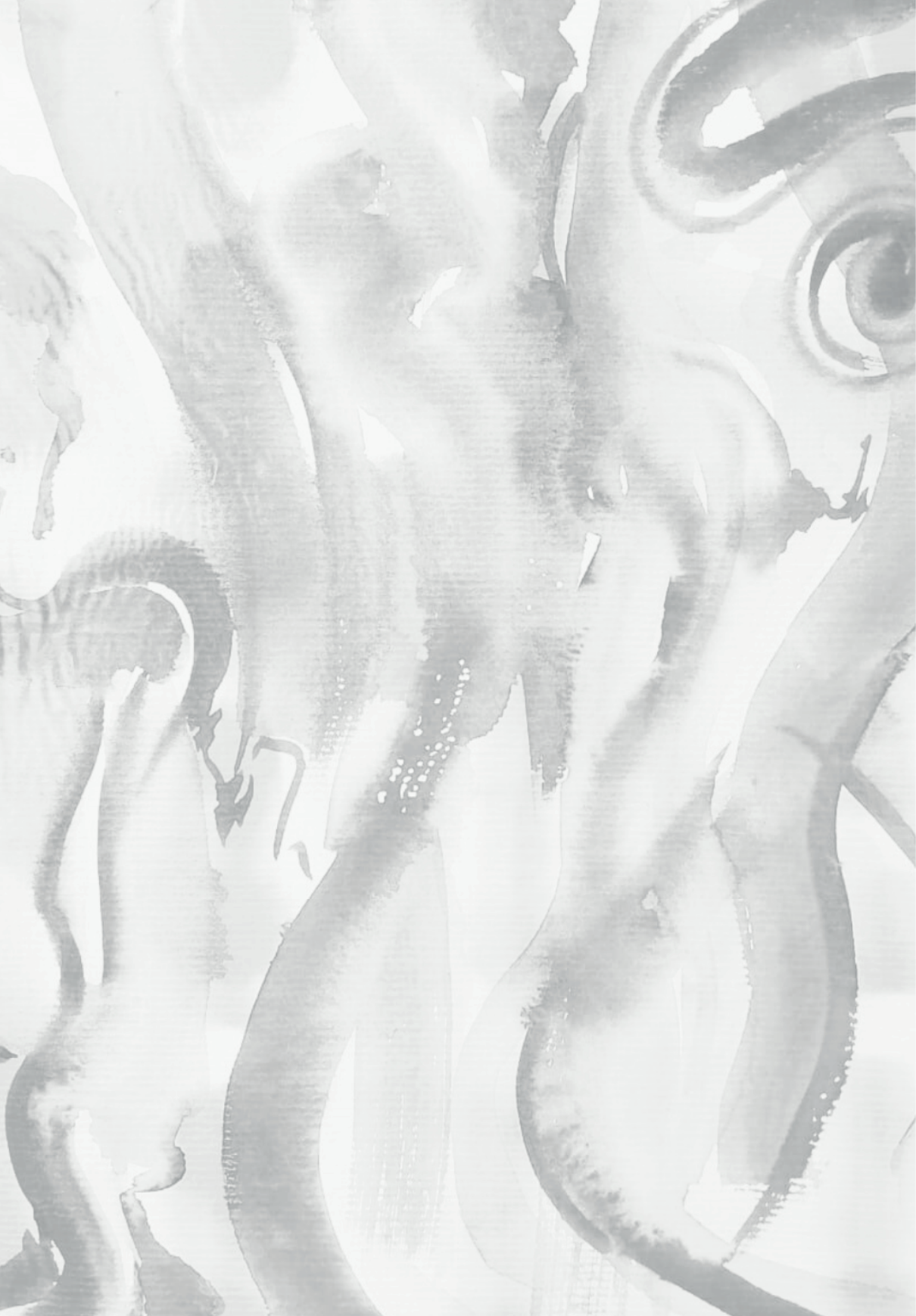
EDUCAR É VOAR: DA TERRA DO CEARÁ ÀS ASAS DO SABER

Francisca Sâmia Xavier Fortunato (CBNB)



“Um passarinho me contou
que o mundo é grande e é bonito
e que eu ficando aqui preso
eu nunca serei feliz.”

— Patativa do Assaré



EDUCAR É VOAR: DA TERRA DO CEARÁ ÀS ASAS DO SABER

“Meu professô era fogo na base do português,
Catálogo, era catalôgo,
Mas grande favô me fez.”

Os versos de Patativa do Assaré ecoam em minha memória, lembrando-me da importância daqueles que, ao longo da vida, nos ensinam mais do que palavras e regras gramaticais: ensinam-nos a enxergar o mundo de outra forma. Como o poeta, também trago as marcas da terra nordestina, berço de minha história e cenário das primeiras lições que moldaram minha trajetória na educação. Desde menina, sabia que o mundo era maior do que o pedaço de terra onde nasci. Mas foi somente através da educação que compreendi que poderia voar além das cercas do sertão. Minha história, como a de tantos nordestinos, é feita de luta, persistência e da certeza de que o conhecimento é o maior instrumento de liberdade que podemos ter.

Filha dos agricultores Vitória Xavier, a quem todos chamam carinhosamente de Dona Vitória, e Flávio Cunha, conhecido na região como Chico Tatá, nasci no interior do Ceará, onde a vida seguia o ritmo das chuvas e das secas. Nossa casa de barro, modesta e acolhedora, era cercada pelo cheiro da terra molhada depois da chuva e pelo canto dos pássaros que anunciavam o amanhecer.

Entre a beleza simples do sertão e os desafios diários, a educação sempre pareceu um sonho distante. Mas, ao mesmo tempo, era a única ponte que poderia me levar além das dificuldades. Cada obstáculo enfrentado foi uma prova de resistência, cada pequeno avanço, uma vitória conquistada com esforço e fé.

O caminho não foi fácil, mas encarei cada etapa com determinação. Como bem disse Guimarães Rosa:

“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquentada e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”

E coragem nunca me faltou.

As Primeiras Lições

Minha primeira escola era simples, com carteiras de madeira já gastas e um quadro negro de giz. Meus professores, como tantos outros heróis anônimos da educação brasileira, tinham paciência infinita para o desenhar das letras e dos números no quadro, dando vida a um mundo que eu mal imaginava existir. O caminho até lá era árduo: muitas vezes sob o sol escaldante, outras pisando no barro após as chuvas, algumas vezes de carroça, quando a sorte ajudava. Mas cada passo era um compromisso comigo mesma e com o futuro que eu sonhava.

O poeta João Cabral de Melo Neto escreveu: “Um galo sozinho não tece uma manhã:

ele precisará sempre de outros galos. “E assim foi comigo. Meus pais, minha professora e cada pessoa que acreditou em mim foram os galos que ajudaram a tecer a manhã do meu futuro.

Meus pais, apesar de não terem tido a oportunidade de estudar, sempre acreditaram que o conhecimento era um caminho para além dos limites da roça. Meu pai repetia: “Menina, a enxada ensina, mas a escola vai te levar longe.” E essa frase se tornou o alicerce da minha caminhada.

Figura 1 – Sâmia em um passeio da escola.



Superando Obstáculos

Não foi fácil conciliar os estudos com as dificuldades do sertão cearense, mas a vontade de aprender era maior. À noite, a luz da lamparina, daquela casa de barro e sem energia elétrica, iluminava os livros, e eu me perdia nas páginas, sonhando com um amanhã diferente.

Uma das minhas maiores alegrias foi alfabetizar meus pais quando ainda cursava a oitava série, hoje o 9º ano do Ensino Fundamental II. Eles, que me ensinaram tanto sem nunca ter pisado em uma escola, agora podiam ver o mundo com novos olhos através das palavras.

O poder dessas palavras, antes desconhecido para eles, abriu novos horizontes, provando que nunca é tarde para aprender. A educação, mais uma vez, mostrava sua força.

Figura 2 – Família na comemoração da minha formatura do 8º ano.



O Caminho para a Universidade

Minha irmã e eu fomos as primeiras da família a concluir o ensino médio, um feito que, para muitos na nossa realidade, já era uma grande conquista. Mas queríamos mais. Movidas pelo desejo de ir além, deixamos o interior e seguimos para a capital, carregando na bagagem sonhos, coragem e a certeza de que a educação era o nosso maior patrimônio.

O caminho não foi fácil. Longe de casa, moramos de favor, enfren-

tamos dificuldades financeiras e muitas vezes tivemos que equilibrar estudos e trabalho para garantir nossa permanência na universidade. Mas nunca perdemos de vista o nosso objetivo.

O esforço valeu a pena: fomos aprovadas em uma universidade pública federal – eu no curso de Letras, ela em Tecnologia de Alimentos. Era a concretização de um sonho não apenas nosso, mas também de nossos pais, que, mesmo sem terem tido a oportunidade de estudar, sempre acreditaram na educação como o melhor caminho.

Para me manter durante a graduação, comecei a trabalhar em uma livraria. Era quase irônico pensar que, anos antes, os livros eram artigos raros na minha infância, e agora estavam ao meu alcance diariamente. Aquele ambiente, repleto de histórias e conhecimento, tornou-se um espaço de aprendizado não apenas acadêmico, mas também de vida.

Durante os cinco anos de faculdade, mergulhei na leitura, na escrita e em diversas oportunidades de crescimento. Fui bolsista em projetos acadêmicos, publiquei um artigo em um livro de editora espanhola e participei de iniciativas que ampliaram minha visão sobre o papel do educador na sociedade. Cada desafio superado e cada nova experiência reforçavam minha convicção de que a educação era a ferramenta mais poderosa de transformação social – e que eu estava exatamente onde deveria estar.

Figura 3 – Minha irmã e eu indo para a festa de São João da escola.



A Educação que Me Fez Voar: Minha Trajetória na Força Aérea

Após dois anos de formada, quando eu já começava a trilhar meu caminho como educadora, surgiu uma oportunidade inesperada. Meu noivo, militar no Rio De Janeiro, mencionou um processo seletivo para militares temporários na área da educação. Até então, eu nunca havia considerado a possibilidade de ingressar na carreira militar, mas ao saber que havia vagas para carreira de magistério, senti que aquele era um chamado que não poderia ignorar.

O processo foi desafiador desde o início. Além das etapas de seleção, que exigiam preparo técnico e pedagógico, havia também a adaptação a um novo universo, com suas normas, tradições e exigências. O ambiente militar, com sua disciplina e hierarquia, representava um mundo completamente diferente do que eu estava acostumada, mas sempre acreditei que os desafios são oportunidades de crescimento.

Houve momentos de incerteza, dúvidas e medos, mas fui guiada por fé e determinação. Gosto de lembrar das palavras de Isaías 41:20:

“Para que todos vejam, e saibam, e considerem, e juntamente entendam que a mão do Senhor fez isto, e o Santo de Israel o criou.”

Esse período foi intenso e exigiu de mim muito mais do que apenas conhecimento teórico. Precisei desenvolver resiliência, disciplina e aprender a me posicionar dentro de um novo contexto profissional. O uniforme que passei a vestir não simbolizava apenas uma mudança de carreira, mas uma nova missão de vida.

Ao concluir o curso de formação, fui designada para atuar no Colégio Brigadeiro Newton Braga (CBNB), uma instituição de ensino da FAB reconhecida pela excelência na formação de estudantes, onde a educação assume um papel ainda mais significativo. Pois trabalhar com alunos em formação é compreender que cada ensinamento vai além do conteúdo programático – é sobre formar cidadãos, preparar indivíduos para desafios e incentivá-los a enxergar além das fronteiras do conhecimento.

Minha experiência na gestão escolar me permitiu atuar diretamente na construção de um ensino de qualidade, alinhado aos valores da FAB. Como educadora, sei que cada aluno que passa por nossas salas de aula carrega consigo não apenas conhecimento, mas também princípios que fa-

rão a diferença em suas trajetórias.

Acredito firmemente que a educação é a ferramenta mais poderosa de transformação social. Meu compromisso com ela vai além do espaço escolar – é uma missão de vida. Sei que minha história, que começou em uma casa de barro no sertão cearense, pode inspirar outros a acreditarem que, com esforço e dedicação, é possível chegar longe.

Figura 4 – Meus pais e eu na minha cerimônia de formatura na Força Aérea.



A Educação Como Presente: Momentos Inesquecíveis

Se a educação mudou minha vida, a Força Aérea me deu a oportunidade de retribuir parte do que meus pais fizeram por mim. Eles ainda vivem no interior do Ceará. Mas, graças à minha trajetória, pude proporcionar a eles momentos que jamais imaginaram viver.

Foi emocionante levá-los para conhecer o Rio de Janeiro, entrar em um avião pela primeira vez, visitar a base aérea onde me formei militar, conhecer o Colégio Brigadeiro Newton Braga, onde trabalho, e ver de perto um mundo que, para eles, sempre esteve distante. No olhar de meu pai, vi orgulho e emoção. Minha mãe, com um sorriso tímido, dizia: “Quem diria que a gente ia ver isso tudo, minha filha?”

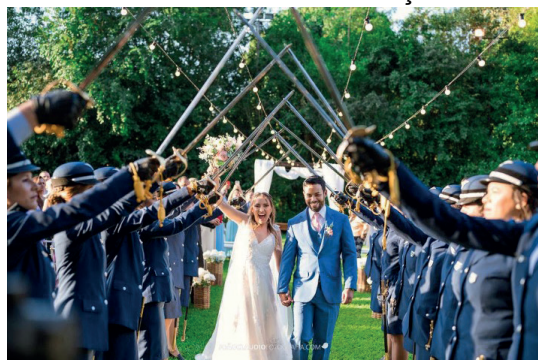
Mas a educação não transformou apenas a vida dos meus pais, ela também me permitiu construir a minha própria vida. Foi através dela que pude realizar o sonho de me casar, formar uma família e seguir minha jornada ao lado de alguém que compartilha dos mesmos valores que carrego desde a infância.

Além disso, a Força Aérea não apenas me deu uma carreira, mas também me trouxe amizades que levo para a vida. Ao longo dos anos, en-

contrei pessoas que me inspiraram, me apoiaram nos momentos difíceis e celebraram comigo cada conquista. O ambiente militar, com sua disciplina e seu espírito de equipe, me ensinou que ninguém vence sozinho e que as maiores vitórias são aquelas que compartilhamos.

Esse é o verdadeiro significado da educação: não apenas transformar uma vida, mas gerar mudanças que atravessam gerações. E, acima de tudo, retribuir, com amor e gratidão, tudo o que recebi ao longo do caminho.

Figura 5 – Meu casamento, com a participação das minhas amigas militares realizando o tradicional Teto de Aço.



A Menina do Sertão Que Aprendeu a Voar

Ao olhar para trás, vejo que aquela menina nordestina, filha de agricultores, não apenas superou desafios, mas também honrou suas raízes com orgulho. Minha jornada não foi apenas sobre aprender – foi sobre resistir, sonhar e transformar.

Sou imensamente grata. Grata aos meus pais, que cultivaram em mim o amor pelo conhecimento. Grata à educação, que me mostrou que os sonhos são asas invisíveis. Grata à Força Aérea, que me ensinou que o céu não é um limite, mas um convite a voar ainda mais alto.

A educação é como um voo: desafia, liberta e dá direção. Ela nos impulsiona além das adversidades e nos conduz a horizontes antes inimagináveis. Mas, acima de tudo, nos ensina a valorizar nossas raízes, pois é delas que tiramos a força para seguir adiante.

Como disse Ariano Suassuna:

“Não troco o meu ‘oxente’ pelo ‘ok’ de ninguém.”

Levo comigo o Nordeste, minha história e a certeza de que o conhecimento é o maior patrimônio que alguém pode ter. E, como educadora, minha missão é garantir que cada aluno que passa por minhas aulas também possa alçar seus próprios voos.

Figura 6 – Em missão na Diretoria de Ensino da Aeronáutica (DIRENS), em Brasília.

